

Espaço de criação: aspectos teóricos e metodológicos numa perspectiva inter e transdisciplinar

Nilce da Silva*
Dalva Alves**

Resumo: Este artigo apresenta o Projeto “Espaço de Criação” como uma alternativa educacional para alunos em situação de exclusão escolar e social. Abrange o apoio psicopedagógico aos professores dentro de uma perspectiva inter e transdisciplinar. Baseia-se em dois trabalhos acadêmicos: 1) Tese de doutorado; 2) Projeto aprovado pelo CNPq/2005, cujo principal objetivo consiste na implantação, coordenação e funcionamento de “espaços de criação” em pelo menos três escolas públicas da periferia de São Paulo.

Palavras-chave: Espaços de criação, Autobiografia-educativa, Autoformação, Apoio psicopedagógico, Introdução da transdisciplinaridade.

“O homem inventado pela revolução burguesa é o universal-singular”

Jean Paul Sartre

Introdução

Esta conferência pretende discutir o conceito de “espaço de criação” em seus aspectos teóricos e metodológicos do ponto de vista da inter e transdisciplinaridade. A mesma baseia-se em dois trabalhos acadêmicos: 1) Tese de doutorado de Nilce da Silva intitulada: Falar, Ler e Escrever: um estudo comparativo sobre migrantes lusófonos nas cidades de São

Paulo, Paris e Gotemburgo, realizada na Faculdade de Educação da USP, com estágio na Université Paris Nord; 2) Projeto “Espaço de criação: uma alternativa educacional para alunos em situação de exclusão social e escolar na cidade de São Paulo, aprovado pelo CNPq/2005, cujo principal objetivo consiste na implantação, coordenação e funcionamento de “espaços de criação” em pelo menos três escolas públicas da periferia da cidade de São Paulo. O Projeto conta com uma equipe de doze professores formadores, composta por: uma coordenadora, três pesquisadoras, dois responsáveis pelo apoio técnico e quatro colaboradores. Destacamos dentre os demais objetivos: a) investigar o espaço de criação como uma alternativa educacional para pessoas em dificuldade social; b) formar novos recursos humanos - pesquisadores e docentes – para atuar em relação às propostas relativas ao espaço de criação; c) possibilitar o diálogo inter-transdisciplinar no estudo da temática em questão; d) organizar um processo de reflexão sobre a experiência formativa e autoformativa (equipe do projeto, professores, alunos) Neste sentido, apresentaremos esta proposta da seguinte maneira:

- 1- O “espaço de criação” como possibilidade para metodologia de pesquisa: a autobiografia educativa.
- 2- Introdução da perspectiva transdisciplinar de autoformação dos professores que atuam no “espaço de criação”.

Um outro aspecto que queremos investigar diz respeito a se o espaço de criação desencadeia em seus participantes o surgimento de um novo olhar e de uma nova escuta sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade. Interessa-nos investigar se o espaço de criação possibilita a instauração de um contexto de criatividade possível, no qual o sujeito possa redefinir de alguma maneira a sua forma de atuação, modificando seus parâmetros, por meio das novas demandas sociais que estão surgindo na educação e na cultura. E investigar os processos autoformativos com base no referencial transdisciplinar.

A metodologia de pesquisa utilizada é a pesquisa-intervenção na medida em que os "espaços de criação" são considerados espaços, por excelência, apropriados à investigação científica e ainda, espaço psicopedagógico propriamente dito. Para Biarnés, o “Espaço de criação” visa possibilitar ao professor um elemento estratégico, para que ele possa lidar com a diversidade cultural em sala de aula. Um processo direcionado a cada aluno em suas características e competências singulares. Um processo em que alunos e professores

possam se tornar sujeitos de seu aprender e da construção de saberes nos dá abertura para a ampliação de nossos objetivos, estendendo o processo de apoio psicopedagógico aos educadores para uma visão de acompanhamento de autoformação numa proposta transdisciplinar. Abarca o exercício sistemático da observação e reflexão da experiência do educador na relação com os outros (alunos, colegas, ambiente) e consigo mesmo, de seu trajeto pessoal e profissional, sua história de vida e de uma produção pessoal de sentido e de saber-aprender.

Novos espaços de formação

A educação tem se tornado um dos principais eixos de estruturação de novos laços sociais. Este aspecto tem sido bastante ressaltado pela UNESCO ao destacar a importância da contribuição das políticas educativas – integrativas / inclusivas - na construção do social, visando combater aos processos de exclusão escolar e social que têm crescido de forma alarmante nos países em desenvolvimento e nos países desenvolvidos.

Neste contexto, um fato tem chamado a atenção dos pesquisadores em educação: a ampliação dos locais em que se realizam as práticas educativas. Atualmente elas transpõem o circuito das escolas, encaminhando-se de uma maneira mais decisiva para a ocupação de novos espaços sócio-culturais. Um exemplo deste processo é o caso das organizações não-governamentais (ONGs), que têm se preocupado em atender às demandas sociais e educativas da população mais carente, por meio do estabelecimento de relações mais próximas e participativas.

Esses espaços de educação não formal possibilitam uma atuação mais livre, o que não exclui responsabilidade dos atores envolvidos neste processo, quando comparados com a atuação dos mesmos sujeitos nos espaços onde acontece a educação formal.

A escolha do Espaço de Criação e das experiências educativas que nele acontecem não surgiu ao acaso. Esta opção responde a espaços e tempos bem determinados. Entendemos que diferentes países da União Européia, assim como o Brasil, têm passado por transformações estruturais recentes que fomentaram a emergência de novos atores sociais. Como decorrência disto, torna-se necessário o estabelecimento de novas relações sócio-educacionais sustentadas em paradigmas outros que não os vigentes antes que tais

transformações acontecessem.

No Brasil, interessa-nos, sobretudo, a condição da criança, do adolescente, dos jovens e adultos em situação de pouca escolarização. Reunimos pelo menos três argumentos que justificam o questionamento do papel da Educação, da instituição escolar e dos profissionais que têm a responsabilidade de trabalhar com estes novos atores sociais: 1) o reconhecimento de que crianças e adolescentes são pessoas em fase de desenvolvimento, logo, sujeitos de direitos fundamentais e merecedores de prioridade absoluta por parte da família, da sociedade e do Estado - fundamento basilar da Doutrina da Proteção Integral que inspira o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos e a Declaração de Salamanca - e alteram radicalmente a natureza das relações que historicamente técnicos, profissionais, órgãos públicos e seus agentes têm mantido com a infância e a juventude no Brasil; 2) a emergência do sujeito como um ser dotado de identidade, de subjetividade, de auto-imagem e de experiências individuais que precisam ser consideradas quando da construção de processos coletivos, tais como família, trabalho e educação, resultando isto em fortes impactos nas práticas educativas de escolas e de professores; 3) o estreitamento das relações entre política educacional e política social, que faz sobressair, de forma cada vez mais evidente, a função social que se quer para a escola pública brasileira, interferindo não somente na definição dos insumos considerados como investimento educacional, mas também, nos conteúdos curriculares, com a inclusão transversal de temáticas de natureza social sem que o professor, entretanto, tenha recebido formação adequada para trabalhá-las.

A criança - como pessoa em fase de desenvolvimento e como sujeito de direitos - emerge basicamente no cenário brasileiro somente a partir da década de noventa, legitimada por uma legislação moderna, amparada por movimentos sociais muito ativos e apoiada por certo consenso nacional de que era preciso resgatar a dívida social que o país tinha com suas crianças, especialmente as mais pobres. O adolescente, até então inexistente em relação à tipologia sociológica, só passou a ter existência jurídica com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e ainda constitui uma incógnita para muitos daqueles que têm responsabilidades educacionais. Estas duas singularidades acrescidas às situações de risco em que muitas delas vivem e a condição de exclusão social à que estão

submetidas suas famílias, explicita a dimensão das dificuldades que técnicos, profissionais e professores enfrentam para trabalhar com esta população infanto-juvenil e adulta.

Estamos frente a mudanças tanto nas pessoas como nas instituições e nas sociedades, e assim, aspectos que anteriormente podiam ser analisados isoladamente, agora precisam ser trabalhados de uma maneira conjunta.

Esta conferência pretende apresentar alguns aspectos destas questões. Para isso, propõe-se a trabalhar com espaços alternativos conceituados por Jean Biarnés como espaço de criação, visando identificar de que maneira são construídos os laços sociais daqueles que participam de algumas experiências específicas nestes espaços, assim como, a possibilidade de que as atividades desenvolvidas nestes espaços possam favorecer a inserção social destes indivíduos, fundamentados nos ensinamentos de Donald Winnicott.

Com isso, constata-se que o objeto de estudo das Ciências da Educação se redimensionou e novos contextos socioculturais, os novos lugares (não só os escolares propriamente ditos), as novas práticas educativas e os novos sujeitos da educação precisam ser estudados, conhecidos, compreendidos.

Conscientes de que na sociedade hipermoderna o sujeito convive com os traços das sociedades anteriores - moderna e pós-moderna, aceitamos o desafio proposto por François Dubet (2002), segundo o qual “vivemos um período de decadência das instituições modernas, fazendo com que seja necessário ir além da simples queixa e nostalgia do passado, visando à criação do presente, através de uma atitude mais crítica e participativa”. O trabalho daqueles que se dedicam ao outro, através de atividades como educar, formar, cuidar não tem mais como se inscrever em uma proposta universalista prévia. É preciso abrir novos caminhos, buscar outros enquadramentos. As contradições da modernidade esgotaram os modelos anteriores, fazendo com que nós tenhamos de nos ver frente “uma mutação cultural”: um processo que exige dos professores formas mais democráticas e participativas e que vá além de um passado idealizado e continuamente reforçado.

Neste sentido, do nosso ponto de vista, o conceito espaço de criação poderá tornar-se uma alternativa educacional possível. E é exatamente neste ponto que constatamos a importância de propostas como o espaço de criação. O conceito de Espaço de Criação foi estabelecido por Jean Biarnés, baseado no conceito de espaço transicional de Donald

Winnicott.

Donald Winnicott concebia o espaço transicional como um espaço intermediário. Um espaço ou objeto simbólico onde é possível se tecer certas relações de criação de novos conteúdos e idéias. Um processo que não é apenas cognitivo, mas abarca também componentes aspectos afetivo-relacionais.

Biarnés fez a transposição do conceito de espaço transicional para o contexto pedagógico. Para Biarnés o “Espaço de criação” visa possibilitar ao professor um elemento estratégico, para que ele possa lidar com a diversidade cultural em sala de aula. Um processo direcionado a cada aluno em suas características e competências singulares. Um processo em que alunos e professores possam se tornar sujeitos da construção da cultura.

O que caracteriza o espaço de criação é a criação propriamente dita. O participante ter a possibilidade de criar algo. O que pode ser feito através das mais diversas formas: conteúdo teórico, conteúdo prático, texto, desenho, poesia, dramatização, música, etc.

Para Biarnés o espaço de criação é um lugar (com espaço, tempo e intenção específicos) onde é possível se construir um projeto, a partir de determinadas estruturas de funcionamento dadas pelo pesquisador. Nenhum espaço de criação é igual ao outro, o que os caracteriza é sua extrema diversidade, bem como a maneira como eles são construídos e o seu direcionamento maior para a singularidade de cada sujeito.

Sendo assim, fizemos do “espaço de criação” um conceito da metodologia de pesquisa dos nossos trabalhos aliado à teoria que o sustenta e ele colabora para o uso da autobiografia educativa como um caminho de conhecimento do Homem em sua totalidade.

Deste modo, o conceito “âncora” dos trabalhos desenvolvidos pelo referido Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão – espaço de criação- não se reduz mais a Educação a mais um simples processo de transmissão e escolarização como muitos poderiam pensar. Ela tem se tornado cada vez mais um fenômeno complexo que exige uma pluralidade de olhares para tentar capturá-lo de alguma forma. Daí, a própria ênfase na proposta das chamadas Ciências da Educação que revelam a importância de um olhar mais amplo para se lidar com o contexto educativo.

Pode-se dizer que o espaço de criação abarca dois contextos específicos. De um lado, é um local com tempo, espaço e intenção específicos. De outro, ele também pode ser visto como a criação de um espaço simbólico de construção de elementos de cultura, do

próprio contexto educativo de uma maneira mais específica.

Sendo assim, discutiremos se o espaço de criação desencadeia em seus participantes o surgimento de um novo olhar e de uma nova escuta sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade. E ainda, se este possibilita a instauração de um contexto de criatividade possível, no qual o sujeito possa redefinir de alguma maneira a sua forma de atuação, modificando seus parâmetros, por meio de das novas demandas sociais que estão surgindo na educação e na cultura.

Neste sentido, as Ciências da Educação têm revelado que o eixo dos circuitos escolares não se pauta apenas pelo contexto de cada disciplina específica, e sim, através de um intercâmbio de conteúdos, procedimentos e práticas específicas. Um processo onde a comparação e articulação entre as diferentes práticas seja um elemento estratégico. Esta situação tem levado alguns autores (Ardoino, Morin) a se orientarem cada vez mais pela transdisciplinaridade como o surgimento de novas construções teóricas, práticas e situações educacionais e fatos educativos.

Mais recentemente, conforme assinalamos, muitos pesquisadores têm assinalado a importância de se trabalhar com uma proposta que reintroduza o diálogo entre as diferentes áreas, por acreditar que seria no intercâmbio entre as várias áreas onde o objeto da Educação estaria mais articulado e estruturado, ao invés de se pensar em um modelo pautado apenas por uma vertente pedagógica única.

No caso dos nossos trabalhos, este aspecto relativo à transdisciplinaridade é absolutamente essencial devido à sua própria natureza.

Ou seja, a transdisciplinaridade tem sido o grande fio condutor dos trabalhos que estão sendo propostos. Isto porque, ela opera não diluindo as diferenças, visando construir um novo posicionamento, sustenta e dá suporte a um diálogo mais amplo e profundo em relação ao conteúdo a ser trabalhado a partir da própria especificidade de cada proposta. Um outro aspecto relativo ao contexto da transdisciplinaridade é que ela não se propõe a atuar abarcando todo o conhecimento a respeito de um determinado assunto. Ela atua introduzindo recortes, privilegiando um aspecto ou outro. Encaminha para um saber que não se fecha sobre si mesmo e que instiga o pesquisador a continuar sempre investigando.

Contudo é importante considerar que se o pesquisador pretende, também, ser um educador há que repensar toda sua trajetória e formação. Ser educador significa, nas

palavras de Barbier (2002), formar-se a si mesmo, dar a si mesmo uma formação, desenvolver uma escuta sensível, ouvir antes de falar, lidar com seu saber e com seu não-saber.

Assim, consideramos fundamental que o nosso projeto abranjesse o trabalho de suporte e acompanhamento dos pesquisadores-educadores em formação e ação numa perspectiva de um processo tripolar de autoformação (Galvani, 2002): de si (autoformação), os outros (heteroformação), e o meio ambiente (ecoformação). Fizemos do “espaço de criação” um conceito da metodologia de pesquisa dos nossos trabalhos aliado à teoria que o sustenta e ele colabora para o uso da autobiografia educativa como um caminho de conhecimento do Homem em sua totalidade.

Concordamos com G. Pineau e Le Grand (1993) quando este afirma que, tentar explicitar a própria vida é uma atitude educativa extremamente conscientizadora e se constitui como exercício que permite criar a autoformação, ao mesmo tempo em que a faz conhecer. Tal formação, em que cada um pode apropriar-se do próprio saber e processo de formação, fez com que cada um dos envolvidos e nossos trabalhos nos espaços de criação se tornasse sujeito e objeto da sua própria formação.

Este trabalho tem sido desenvolvido mesmo que corramos o risco de fundir o papel de investigador com o papel de participante, apesar da intensa vigilância epistemológica aprendida ao longo deste processo. E assim, definitivamente, colocamos em causa o axioma da “objetividade” da pesquisa no âmbito das Ciências da Educação.

Bibliografia

BARBIER, René. O educador que trabalha na formação de adultos como homem do futuro. In: *O homem do futuro: um ser em construção*. São Paulo: Triom, 2001.

BIARNÈS, Jean. Jeunes et adults en échec, mais encore! *Education*, Paris, vol. 24, mars/mai. 1996.

_____ O ser e as letras: da voz à letra, um caminho que construímos todos. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, Jul./ dez. 1998.

_____ Jean. Universalité, Diversité, sujet dans l'espace pédagogique. Paris: L'Harmattan, 1999. BIARNÈS, Jean. Jeunes et adults en échec, mais encore! *Education*, Paris, vol. 24, mars/mai. 1996.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. In: *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO/USP, 2000.

CIÊNCIA E TRADIÇÃO: Perspectivas Transdisciplinares para o Século XXI. In: *Educação e transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002.

DECLARAÇÃO DE VENEZA. In: *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO/USP, 2000.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In: *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: Triom, 2002.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 2^a ed. São Paulo: Triom, 2001.

PINEAU, Gaston. *Temporalidades na formação*. São Paulo: Triom, 2003.

SÍNTESE DO CONGRESSO DE LOCARNO. Disponível em: <http://www.cetrans.com.br>. Acesso em: abril de 2005.

PINEAU, G. e LE GRAND, J. L. *Les histoires de vie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

Silva, da Nilce. FALAR, LER, ESCREVER: um estudo sobre populações migrantes no Brasil e no Mundo. Tese de Doutorado. FEUSP- Université Paris Nord. 2001.

WINNICOTT, D. W. *Jeu et réalité. L' espace potentiel*. Paris: Editions Gallimard, 1975.

_____ *Tudo Começa em Casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____ *Os Bebês e suas Mães*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

* Prof^a. Dr^a. Coordenadora do Projeto Acolhendo/FEUSP

www.projetoacolhendo.ubbihp.com.br

** Diretora do NEST

dalva.alves@uol.com.br

www.nest.org.br

Disponível em:

<

<http://www.nest.org.br/textos.coletivos.e.outros/0001artigo.coletivo.esp.cria.a.t.metodo.p.in ter.trans-dalva.alves.e.nilce.silva.doc>> Acesso em.: 12 nov. 2007.